

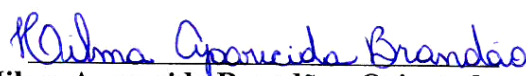



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI

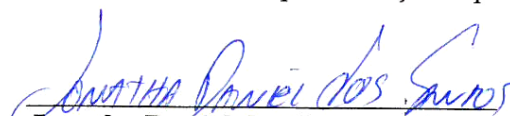
ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU (ESPECIALIZAÇÃO) EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

No dia **22 de maio de 2019**, às **17 horas**, na Sala 1 do Bloco D do Instituto Federal Goiano - IF Goiano, Campus Avançado Ipameri, sob a presidência da Professora Ma. Hilma Aparecida Brandão, reuniu-se, em sessão pública, a Banca Examinadora de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna **Hebe Pereira de Melo**, do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu (Especialização) em Docência do Ensino Superior, visando à obtenção do título de Especialista. A banca foi constituída pelos professores: Ma. Hilma Aparecida Brandão (orientadora) e presidente, Dra. Rozane Alonso Alves e Me. Jonatha Daniel dos Santos, com anuência da Coordenação do Curso. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da Banca, e à candidata, das normas que regem a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso. A seguir, a aluna passou à defesa de seu trabalho intitulado: "**O estudante trabalhador residente no entorno de Catalão (GO): comentários sobre as trajetórias, riscos e desafios dos estudantes de Ipameri (GO)**". Encerrada a defesa, procedeu-se ao julgamento. Apuradas as notas verificou-se que a candidata foi aprovada, com a nota 8,5. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora e por mim, em 22 de maio de 2019.


Acadêmica: Hebe Pereira Melo


Profa. Ma. Hilma Aparecida Brandão - Orientadora e Presidente
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)


Profa. Dra. Rozane Alonso Alves - Membro Titular
Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Ipameri (GO)


Prof. Me. Jonatha Daniel dos Santos - Membro Titular
Universidade Católica Dom Bosco - (UCDB/MS)

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese | <input type="checkbox"/> Artigo Científico |
| <input type="checkbox"/> Dissertação | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro |
| <input checked="" type="checkbox"/> Monografia – Especialização | <input type="checkbox"/> Livro |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Alíbe Pereira de Melo

Matrícula: 2017112301630311

Título do Trabalho: O estudante trabalhador residente no entorno de Catalão (GO): Comentários sobre as trajetórias, riscos e desafios dos estudantes de Ipameri (GO).

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: Não Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Ipameri, 22.05.2019
Local Data

Alíbe Pereira de Melo

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Ciente e de acordo:

Olívia Aparecida Brandão
Assinatura do(a) orientador(a)

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

**O ESTUDANTE TRABALHADOR RESIDENTE NO ENTORNO DE
CATALÃO (GO): COMENTÁRIOS SOBRE AS TRAJETÓRIAS,
RISCOS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES DE IPAMERI (GO)**

IPAMERI (GO)
MAIO/2019

INSTITUTO FEDERAL GOIANO
CAMPUS AVANÇADO IPAMERI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU*
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

HEBE PEREIRA DE MELO

**O ESTUDANTE TRABALHADOR RESIDENTE NO ENTORNO DE
CATALÃO (GO): COMENTÁRIOS SOBRE AS TRAJETÓRIAS,
RISCOS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES DE IPAMERI (GO)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência no Ensino Superior.

Orientadora: Prof^a. Ms. Hilma Aparecida Brandão

IPAMERI (GO)
MAIO/2019

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	3
1- O estudante trabalhador: o ingresso em um curso superior.....	4
2- As dificuldades enfrentadas pelos alunos trabalhadores: o caso dos alunos de Ipameri	15
3- Expectativas e projeções quanto ao futuro diante do término do curso superior ..	21
Considerações finais	24
Referências	25

O ESTUDANTE TRABALHADOR RESIDENTE NO ENTORNO DE CATALÃO (GO): COMENTÁRIOS SOBRE AS TRAJETÓRIAS, RISCOS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES DE IPAMERI (GO)

Orientanda: Hebe Pereira de Melo
Orientadora: Hilma Aparecida Brandão

Resumo: O propósito geral deste trabalho foi versar compreender a realidade dos alunos que trabalham e cursam um ensino superior. Ensejamos dar a conhecer as dificuldades enfrentadas no que tange ao tempo, ao compromisso e ao longo trajeto entre o trabalho e os estudos e as consequências dessa dupla atividade no processo de ensino-aprendizagem. Como esses alunos se adaptam a uma realidade que vai à contramão do que é considerado o usual, ou seja, que se termine o processo de estudos para só então ingressar no mercado de trabalho? Os discentes enfrentam vários desafios que acontecem não apenas no deslocamento do local de trabalho até a universidade, mas também às dificuldades enfrentadas no âmbito acadêmico, tais como: baixo rendimento escolar, dificuldades de concentração, cansaço proveniente da jornada que antecede o momento dos estudos, stress, entre outros que são decorrentes desta realidade que a cada dia acaba se tornando mais comum na sociedade hodierna. A escolha por este estudo se deve ao fato de que uma significativa quantidade de alunos que moram em Ipameri, optam por cursos oferecidos em cidade vizinhas como Pires do Rio, Urutaí, e Catalão pela quantidade de opções oferecidas, sobretudo as licenciaturas.

Palavras-chave: Alunos, trabalho, estudos, dificuldades, cansaço.

Considerações iniciais

O ensino superior é um almejo para muitos estudantes, pois como explicado por Freire (1997), do ponto de vista de econômico e social, desde a implementação da “revolução comercial”, a educação tem sido encarada como um meio para ascensão social, econômico e cultural. Por isso, muitos planejam seu futuro apostando suas fichas em uma carreira acadêmica, visando um bom emprego.

No sistema capitalista, depreende-se que o correto seria que todos terminassem seus estudos, inclusive sua graduação, para só depois ingressar no mercado de trabalho, mas na realidade não é bem assim. É cada vez mais comum o estudante que trabalha durante o dia e que opta por um curso noturno para que possa conciliar estudo e trabalho. Devido a matriz curricular de muitos cursos, com um número elevado de disciplinas a serem cursadas, vários alunos priorizam aquelas que julgam serem mais importantes para serem concluídas primeiro. Essa situação faz com que uma boa parte dos alunos não termine sua graduação no tempo regular de quatro anos, tendo que passar mais tempo na universidade.

Outro problema a ser enfrentado por alguns alunos é o fato de os mesmos morarem nos municípios do entorno da cidade sede da unidade acadêmica onde os mesmos estudam. Um exemplo de situações como esta ocorre em cidades do entorno da unidade da UFCAT (Universidade Federal de Catalão) e também da UNA Centro Universitário de Minas Gerais- Unidade Catalão) ambas localizadas no município de Catalão. Ipameri é uma destas cidades circunvizinhas que mandam inúmeros alunos para a Instituição Superior, que se deslocam todos os dias para poderem assistir as aulas. Grande parte destes estudantes têm uma jornada laboral diária num entorno de oito horas diárias.

Partindo dessa realidade, o trabalho tem como propósito discutir, através de pesquisa bibliográfica, os principais problemas enfrentados por estudantes que precisam trabalhar durante o dia e estudam durante a noite. A fim de ilustração, também, busca entender como é a rotina dos estudantes residentes nos municípios vizinhos no entorno de Catalão, focando no caso específico de Ipameri (GO). Ressaltamos que não vamos utilizar entrevistas; os dados para ilustração foram obtidos através de revisão de literatura prévia sobre o tema abordado, bem como através de conversas e experiências repassadas pelos alunos que enfrentam tal situação.

1- O estudante trabalhador: o ingresso em um curso superior

A educação é um dos principais meios de se obter um aumento intelectual, social, cultural, financeiro etc. para o futuro. Muitos são os alunos que apostam todas as suas “fichas” em um ensino de qualidade, visando uma melhor condição social não só para si próprio, mas para todos os seus familiares. Na sociedade atual a educação é vista como um fator que possibilita uma mudança de vida para muitas pessoas. Por isso essa realidade/concepção começa a ser construída desde os primeiros anos do Ensino Médio.

Nessa fase a educação (processo de ensino aprendizagem) acaba por assumir novos contornos com um contingente de alunos bastante diferenciados: os alunos trabalhadores. É cada vez maior o número de discentes que estudam durante a noite e realizam alguma atividade laboral durante o dia, para obter algum tipo de auxílio financeiro.

Para se entender melhor essa realidade é preciso fazer um breve retrospecto nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do século XXI para conhecer o contexto histórico em que se deu a criação de várias propostas educacionais voltadas especificamente para essa nova realidade de alunos trabalhadores, em especial a Lei 5.692/71. A partir da criação dessa lei ficou definido que:

A educação voltada para o trabalho passa a fazer parte do currículo dos Ensinos de primeiro e segundo graus, (hoje Ensino Fundamental e Médio). O ensino de primeiro grau deveria ocupar-se precipuamente geral, entendida como saberes elementares, relativos a formação e a inserção social fornecendo uma base comum de conhecimentos a todos em processo de escolarização. Mas ainda nesse nível, também seria necessário uma iniciação as aptidões exigidas pelo mundo do trabalho, sendo incluídas nas séries finais do ensino de primeiro grau, em caráter não dominante, uma formação profissional elementar. A habilitação profissional propriamente dita seria dominante no segundo grau. A lei em questão prevê textualmente que esse nível de ensino esteja em sintonia com o mercado de trabalho local ou regional, a vista de levantamentos periodicamente renovados, em consonância com as necessidades desenvolvimentistas (BRASIL, 1971, Lei 5692, art. 5º).

A implantação dessa lei incitou uma preocupação diferenciada para com os alunos que se encontram em processo de entrada no mercado de trabalho ou para com aqueles que estavam inseridos nesse mercado.

Diante dessa perspectiva, a escola deveria se preocupar em se adequar a realidade dos novos alunos, preparando os alunos para o mundo do trabalho e para o Ensino Superior, apesar de que essas duas etapas se constituiriam em caminhos adversos um do outro. Essa diferenciação entre dois mundos se manifestou inclusive nos currículos escolares, que se evidenciou quando observado a diferença entre o currículo proposto para o ensino médio noturno e o diurno.

[...] Ensino Médio deve ser “propedêutico”, abordando tão somente conteúdos básicos das áreas de humanidades, exatas e biológicas, preparando o estudante para ingressar na universidade, ou, deve ser profissionalizante, preparando o aprendiz para o mundo do trabalho... O nó górdio é que se, por um lado, a profissionalização a que poderíamos chamar “precoce” pode contribuir para a permanência do jovem na escola, subsidiando inclusive, seus estudos em nível superior por outro, esta opção, pode revelar-se pernicioso (COSTA, 2010, p. 305).

O ensino das escolas deveria se flexibilizar e adaptar para oferecer a esses alunos os caminhos para que possam se preparar para um ensino superior de qualidade, com matérias que lhes possibilitassem adquirir o conhecimento exigido para tal, mas, também, possibilitar que os alunos ingressassem no mercado de trabalho com melhores oportunidades e melhores qualificações.

Se no discurso teórico isso é o ideal, na prática a realidade é distante de tal modelo. Os ensinos médios do período noturno e diurno são vistos de maneiras muito distintas um do outro, apesar de serem portadores dos mesmos conteúdos e, as vezes, currículos. Estes são completamente diferentes, justamente por atenderem a dois grupos diferentes de alunos:

[...] Hoje é possível verificar que ainda há uma dicotomia mais acentuada e que de certa forma, continua cristalizando uma perene dualidade, nesse caso, mais especificamente entre o ensino médio noturno e o diurno. O primeiro atenderia ao público pertencente a segmentos de classe média, cujas famílias têm alguma condição de manter os filhos sem que esses precisem exercer trabalho assalariado, direcionando-se para de alguma forma cursar o ensino superior. O outro modelo atenderia aos mais desprovidos de condições financeiras que trabalham durante o dia (LINS, 2007, p. 58).

O ensino médio noturno é visto por muitos com uma espécie de discriminação, levando em conta que atende a um público que não conta com tempo disponível para se dedicar de forma exclusiva aos estudos. Não raros, escutamos que para esses alunos o ensino deveria ser menos “puxado”, menos exigente, levando em consideração que o aluno trabalhador, certamente pela sua falta de tempo, teria mais dificuldades com os estudos.

Nesse caso haveria uma preocupação com a quantidade e não com a qualidade do tempo que o aluno permanece na escola. Mais uma vez a questão nos remete a divisão da sociedade em classes onde os mais privilegiados podem com seu esforço alcançar um bom curso técnico ou mesmo chegar a um curso superior e os mais pobres, que em sua maioria nem pensam em chegar a uma universidade, preocupam-se mais com o trabalho e menos com o estudo.

O projeto pedagógico da escola deve ser pensado para afastar essa realidade de discriminação, sendo o currículo dos turnos diurno e noturno os mesmos, havendo apenas uma nova forma de ensino, uma nova forma de se trabalhar os

conteúdos em sala de aula, levando em conta a realidade daquele grupo de estudos; mas, ao mesmo tempo, é preciso que a escola não enxergue os alunos do noturno como estudantes que precisam de conteúdos menos árduos. Estes devem ser vistos como alunos que precisam de uma diferenciação quanto as formas de se aplicar atividades e conteúdos, mas que devem ser exigidos igualmente a qualquer outro aluno pertencente a outro turno.

Muitas vezes os próprios alunos se “preocupam com esse estereótipo de que o ensino a eles facultado é mais fraco” (COSTA, 2010, p. 313) em relação aquele facultado aos estudantes do turno matutino ou vespertino, em razão de supostamente terem menos tempo disponível para a escola.

Os alunos de escolas públicas noturnas têm o direito de receber o mesmo ensino de qualidade dos outros turnos, sem nenhum tipo de diferenciação. A questão da falta de tempo para se dedicar as atividades, nos casos de alunos que trabalham, devem ser levados em conta, todavia, apenas na forma de inserir os conteúdos em sala ou nas atividades propostas.

A preocupação dos alunos com um ensino médio de qualidade faz todo sentido, pois somente desta forma poderão superar as barreiras existentes e chegar ao ensino superior, uma vez que é nessa fase que é construída a base para se alcançar a universidade. Todo o ensino médio é voltado, quase que exclusivamente, para que os alunos consigam aprovação no vestibular, considerado a porta de ingresso para o ensino superior.

Para uma boa parte dos alunos trabalhadores, a aprovação no vestibular acaba se tornando um objetivo a ser conquistado. E para muitos, a preparação para essa prova tão importante é feita somente na escola, durante as aulas, visto que muitos não têm condições financeiras e tempo disponível para se preparar, por exemplo, para frequentar em um cursinho pré-vestibular.

Superada a etapa do vestibular, o aluno se prepara, então, para uma nova etapa, o ingresso efetivo na unidade acadêmica, que não se diferencia do ensino médio no quesito tempo, pois, na maioria dos casos, também será composta de muitas dificuldades e de grandes desafios, visto que no universo do ensino superior, o tempo é peça fundamental para se obter condições de realizar um bom curso.

Nas últimas décadas houve um aumento bastante significativo no número de estudantes universitários trabalhadores. Esses alunos buscam mudanças em suas vidas, seja no nível profissional, pessoal ou social. Estes não somente compostos

por estudantes que trabalham ou querem trabalhar, mais também por muitos trabalhadores que se encontram inseridos no mercado de trabalho há vários anos e que buscam uma melhora em suas carreiras profissionais.

Assim como nas escolas do ensino médio, as universidades também tiveram que se moldarem as novas exigências desse novo grupo de alunos, isto porque no ensino superior noturno a maior parte dos estudantes possuem outras atividades além dos estudos.

O ensino superior noturno é composto por cerca de 60% dos estudantes do país, fato que pode ser explicado pela possibilidade do aluno exercer atividade remunerada durante os anos de graduação obtendo desse modo, recursos financeiros para a realização do curso e custeio de despesas pessoais e familiares (FILHO, 2007).

Em seu trabalho Filho, 2007 fala da realidade dos alunos que estudam à noite, sendo que uma boa parte dessa clientela é composta por trabalhadores. Esses alunos enfrentam inúmeras dificuldades no decorrer de sua graduação. Os problemas vão desde pouco tempo com suas famílias, dificuldades para se deslocar do trabalho ou residência para o local onde estuda e dificuldades, muitas vezes, oriundas de cargas horárias de trabalho excessivas, como sonolência, cansaço físico e *stress*.

Alguns estudos realizados com estudantes trabalhadores mostram que alguns alunos possuem mais horas de trabalho do que horas de sono. A Organização Mundial de Saúde (OMS) indica que uma pessoa deve ter de 8 a 10 horas de sono por dia para que seu corpo e mente descansem adequadamente.

Mas para alguns essa é uma realidade distante. A jornada de trabalho para muitos chega a 8 horas diárias, consideradas normais. Os problemas são os deslocamentos até o local de trabalho, que para alguns pode chegar a mais de 2 horas totalizando 10/12 horas, tornando essa tarefa diária bastante desgastante e cansativa.

Essa realidade é bem mais comum nos grandes centros urbanos, mas no interior também se faz presente, onde é comum que os estudantes se desloquem do seu local de trabalho para o local onde estuda, não tendo um momento mínimo que seja entre uma atividade e outra.

O cansaço físico provocado pelas atividades laborais durante o dia pode fazer com que o aluno desenvolva dificuldades de aprendizado e de concentração, além do desânimo oriundo do cansaço do trabalho. A interferência do trabalho é sentida desde a hora em que o aluno vai optar por determinado curso ou área de estudo. Dos alunos que estudam à noite, a grande maioria procura os cursos nas áreas de Humanas, uma vez que estes são quase que em sua totalidade, no período noturno.

Os alunos dos cursos noturnos muitas vezes esticam seus cursos de graduação, até o tempo dito limite para a conclusão do curso. Isso ocorre porque muitas vezes o aluno não tem tempo de se dedicar as atividades acadêmicas como gostaria, nem de participar de eventos ou outras oportunidades de se aprimorar em seus estudos oferecidos pela universidade. A falta de tempo para realizar suas atividades ou ainda para se dedicar a um número maior de disciplinas por semestre (período) acaba levando o aluno a ficar mais tempo preso a graduação.

A base fornecida nas séries anteriores, no caso o ensino médio, na prática não permite que o aluno adquira certa bagagem intelectual adequada para o ingresso em uma instituição superior. Para os alunos oriundos de escolas públicas esta situação é um pouco mais difícil. Em seu trabalho, Victor Francisco Ferreira constata o seguinte:

Alunos ingressantes na USP oriundos de escolas públicas enfrentam diversas dificuldades na universidade. As principais delas são o gerenciamento do tempo, as avaliações aplicadas e os conteúdos das aulas, considerados por eles como muito mais complexos do que a base oferecida no cursinho ou na escola que os preparou para a universidade (FERREIRA, 2011).

No primeiro momento em que se ingressa em um curso superior, os alunos se deparam com matérias e disciplinas que em nada lembram as matérias dos currículos escolares praticados nas escolas regulares. Por mais que as escolas ou cursinhos digam que estão preparando seus alunos para a universidade, as matérias ministradas não dão nem uma base teórica para nenhum curso. O ensino tradicional das escolas regulares difere muito das complexas matérias e teorias ensinadas na universidade. Muitos autores sequer são conhecidos pelos alunos ingressantes.

Assuntos variados e complexos temas, até desconhecidos, a dificuldade de acesso a alguns professores, a relação com os próprios colegas de curso, a dificuldade de acesso a alguns materiais e mídias também são pontos abordados

por alunos quando as questões são as dificuldades encontradas para a realização de seus estudos. Muitos alunos questionam as matérias ensinadas em sala de aula e se queixam das formas de avaliação, muitas vezes causadoras de dúvidas, dado que a maioria não tem o tempo adequado para se preparar e nem tem acesso aos materiais necessários para estudar e elucidar possíveis dúvidas existentes.

As políticas públicas criadas pelo governo federal, tais como: EJA (Educação para Jovens e Adultos), PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego), o PROUNI (Programa Universidade para Todos) há vários anos expressam a intenção em ajudar aos alunos, chamados “excluídos da educação”, seja pela falta de condições financeiras, seja pela falta de tempo e acesso aos meios adequados de informação, a possibilidade de os mesmos terem acesso e permanência aos níveis mais elevados de educação.

O principal objetivo dessas políticas é disponibilizar a esses alunos, principalmente os mais carentes, condições financeiras de se manterem no curso, uma vez que mesmo exercendo atividades remuneradas, uma das queixas dos alunos é o valor para se manter em um curso superior. Mesmo os cursos sendo gratuitos, as despesas que um aluno possui são muitas, especialmente para alguns que realmente vivem em situações econômicas desfavoráveis. Tal situação é agravada por vários fatores, como: a distância entre o local de trabalho ou a moradia de onde o aluno se desloca diretamente para a faculdade, gastos com alimentação que muitos não tem tempo de ir em casa, transporte, entre outros.

Muitos desses jovens enfrentam essas dificuldades, mesmo estando trabalhando, porque para muitos trabalhar nem sempre quer dizer um emprego formal, com salário fixo e direitos assegurados pelas leis trabalhistas. Ao contrário do que se supõem diante de tal situação, o índice de desemprego entre os jovens é alto, pois a maioria ainda não possui qualificações adequadas e exigidas para se ocupar bons cargos, com bons salários.

De encontro a essa realidade, o governo aumentou o número de bolsas concedidas aos estudantes universitários, criou-se várias possibilidades até mesmo para se financiar os cursos particulares, tudo isso visando o aumento do número de estudante em cursos superiores. O governo aumentou, ainda, em muito, as vagas oferecidas nos cursos noturnos, visto que são os mais procurados pelos alunos em questão; por esse motivo criaram-se vários outros campi universitários, ou mesmo

extensões para aumentar ainda mais a demanda existente, mas ainda assim não chega a ser o suficiente.

Diante dos novos incentivos oferecidos a Confederação Nacional da Educação (CONAE), em abril de 2010, apresentou a seguinte nota sobre o ensino superior:

[...] Observa-se que esse nível de ensino continua elitista e excludente. A expansão ocorrida na última década não foi capaz de democratizar efetivamente esse nível de ensino. É necessário, portanto, democratizar o acesso dos segmentos menos favorecidos da sociedade [...] O acesso e a permanência desses segmentos a educação superior implicam políticas públicas de inclusão social dos estudantes trabalhadores, plano nacional de assistência estudantil para estudantes de baixa renda a exemplo das bolsa-permanência e do apoio financeiro para o transporte, residência, saúde e acesso a livros e mídias em geral (VARGAS, 2013, p. 462-463).

Muito tem sido feito na busca pelo incentivo a trazer a cada dia, novos alunos para o ensino superior no Brasil, mas muito ainda preciso ser feito. As políticas públicas devem se preocupar com o acesso dos alunos as universidades e com isso a consolidação da “expansão da educação superior em nosso país: o atendimento de camadas mais pobres da população, incluindo os/as estudantes trabalhadores/as” (VARGAS e COSTA, p. 463, 2013). O governo deve buscar dar assistência a esses alunos não só no momento em que estes estão no ensino superior, mais antes para que eles possam se contagiar com esse novo universo e com isso caminhar rumo a ele.

O fator socioeconômico conta muito para o desenvolvimento dos estudantes. Por isso o fato de se ingressarem cada vez mais cedo no mundo do trabalho é para muitos o ponto central entre seguir os estudos e enfrentar um curso superior ou se dedicar exclusivamente ao trabalho, partindo, assim, para quem sabe, os chamados cursos técnicos, voltados unicamente para esse mundo.

Os alunos trabalhadores acabam por não se dedicarem como deveria ou como o curso escolhido exige, devido ao trabalho. Para isso, o essencial não é a formação ou a conclusão de seu curso, mas, sim, a manutenção do emprego ou do trabalho, até mesmo porque a manutenção deles no curso depende quase que unicamente desse trabalho.

Em seu trabalho, Vargas e Costa citam a autora Marialice Focacchi, quando a questão é de como traçar um perfil ou como configurar a situação do estudante trabalhador:

Diversa é a situação do trabalhador que estuda, pois, nesse caso o acidente não é o trabalho, mas o estudo. O estudo aparece como contingência. O trabalhador escolhe um curso que não se incompatibiliza com o trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. O trabalho faz com que o curso tenha importância acessória [...] A necessidade de trabalhar realiza-se as expensas do curso.

Isso não significa que ele seja abandonado, mas simplesmente que é redefinido em termos de interesse mais amplo que o trabalho apresenta. A acomodação entre estudo e trabalho raramente redundam numa interação harmônica. Com frequência impõe-se uma cisão, com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação (FORACCHI, 1977, p. 51 apud VARGAS; COSTA, 2013).

Para o estudante que trabalha, como foi mencionado pela autora acima, o trabalho assume lugar prioritário na sua rotina diária; o estudo passa a ser apenas um complemento, essas duas situações acabam que mais cedo ou mais tarde assumindo um caráter de opção na vida desse aluno ou ele se dedica ao trabalho ou se concentra nos estudos. A realidade atual é totalmente contrária a situação que até então é dita como a usual, que é o aluno estudar e só depois trabalhar.

Sendo a realidade às vezes bem adversa a tal situação, o sonho do diploma de nível superior acaba sendo preterido ou adiado por muitos jovens, porque nem sempre sua realidade é favorável a conclusão desse sonho, muito pelo contrário ele pode servir para mostrar ao jovem qual a sua real situação na sociedade, não um estudante que trabalha, mas, sim, um trabalhador que estuda.

	Só estudam.	Estudam e trabalham.	Só trabalham.	Só estudam.
18 a 19 anos	27%	50,6% desse percentual ...	30,6%	20%
20 a 24 anos	10,8%	64,5% desse percentual...	49,7%	10,8%

Na sociedade em que vivemos que é regida pelo capitalismo, onde tudo é voltado para o mundo do dinheiro, aliados ao custo de vida que vem se tornando cada dia mais caro, inclusive pelos excessivos impostos, gerados pelas graves crises econômicas que assolam o mundo e acabam por respingar no dia a dia da população, sobretudo mais carente, o trabalho é cada dia mais necessário e torna-se indispensável em muitos casos. A tabela abaixo mostra os dados coletados pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) no ano de 2017, que mostra como se distribui a população de 18 a 24 anos com relação aos estudos e ao trabalho.

Não são raros, como se pode perceber, os casos em que os estudantes muitas vezes deixam de estudar para se dedicar somente ao trabalho, como também aqueles que conciliam as duas atividades. Estudar e trabalhar não são tarefas fáceis, muito pelo contrário, o esforço que um estudante trabalhador faz todos os dias para desempenhar suas atividades laborais e conseguir realizar seus estudos é imenso.

A sociedade vem passando por intensas transformações, seja no campo da industrialização, seja da urbanização, cada dia mais intensos e o número de estudantes que estão dispostos a mudar suas vidas, se dedicando a essa dupla jornada: trabalho e estudo são cada dia maiores.

Se antes, a universidade destinava-se, com quase que exclusividade, aos jovens das camadas mais altas, depois dessas transformações e também nelas interferindo, um contingente cada vez maior de estudantes chegou ao ensino superior... jovens mulheres que já não se satisfazem com o diploma de nível secundário ou de normalistas, jovens oriundos de famílias sem tradição em ensino superior, pessoas mais velhas [...] em busca de melhores qualificação profissional (CARDOSO, 1994).

Para esse grupo, a busca por melhores condições de vida, seja social ou econômica, valem muito do esforço de se trabalhar durante todo o dia e estudar durante a noite. Para dar conta dessas duas jornadas, os estudantes trabalhadores têm que se desdobrarem para que nos dois casos eles obtenham sucesso, diante de tal situação os cursos noturnos são sempre as opções mais procuradas, nem sempre pela qualidade, mas pelo horário e pela possibilidade de conciliação de jornadas. O estudante opta pelo curso em que ele não terá prejuízos quanto a prática e/ou exercício de suas funções. Em seu trabalho Vargas e Paula dizem:

O trabalhador escolhe um curso que não se incompatibilize com o trabalho porque este sim exige e absorve a maior parte das energias. O trabalho faz com que o curso tenha importância acessória. No caso anterior, a necessidade de trabalhar colocava o curso em plano secundário, mas nesse caso o sucesso no trabalho realiza-se as expensas do curso. A acomodação entre estudo e trabalho raramente redundava numa integração harmônica das duas atividades. Com frequência impõe-se uma cisão com caráter de opção, pois as qualidades do estudo e do trabalho não têm uma medida comum de avaliação (VARGAS; DE PAULA, 2013, p. 06).

Para um aluno que necessite trabalhar para custear suas despesas junto ao curso de graduação, as opções de horário dos mesmos serão sempre o primeiro atrativo a ser levado em consideração. Nesse sentido, os cursos oferecidos na área de Ciências Humanas são muito bem vistos e aceitos pelos futuros universitários, uma vez que em sua maioria são ofertados no período noturno. De acordo com Cardoso e Sampaio (1994, p. 06), “Dos estudantes que trabalham 93,4% frequentam cursos ministrados em período parcial: 66,4% são estudantes do noturno, 27,0% são de cursos diurnos e apenas 6,6% são alunos de período integral”.

Graduações no período noturno permitem que os alunos se dediquem aos seus estudos predominantemente em apenas um turno, mas mesmo sendo ministrados em apenas um horário, há muitas disciplinas e atividades extraclasse que exigem do aluno sua presença na universidade em outro horário, ou seja, no contra turno de seu curso.

Quando isso acontece, em alguns casos, pode-se gerar uma situação desconfortável entre alunos (empregados) e patrões (empregadores). Isso porque para alguns empregadores ter um funcionário que precise se ausentar uma ou mais vezes por semana, para realização de atividades, ainda que de cunho acadêmico,

se torna inviável mesmo esse sendo um direito que o estudante-trabalhador tem assegurado pela lei, de acordo com o Estatuto do Trabalhador-Estudante, de 27 de agosto de 2.003, sendo que ao estudante cabe o compromisso de apresentar documentos e/ou declarações que atestem tal fato.

Mesmo sendo garantidos alguns benefícios aos estudantes trabalhadores, os desafios são muitos e intensos. Nem sempre o que a lei diz é cumprida, as condições de trabalho, por vezes, não ajuda nem possibilita algum momento de descanso e com isso um momento para verificar ou concluir alguma atividade pedida, além de outros riscos e desafios que muitos estudantes enfrentam todos os dias, principalmente quando estes precisam se deslocar de uma cidade para outra para estudarem.

2- As dificuldades enfrentadas pelos alunos trabalhadores: o caso dos alunos de Ipameri

As dificuldades enfrentadas pelos alunos trabalhadores são muitas, que vão desde o momento da escolha do curso a ser feito, uma vez que para quem passa o dia todo trabalhando, as opções são predominantemente pelos cursos noturnos. Para muitos essa opção é a única forma de conseguir fazer um curso superior. Mas essa escolha, com certeza, trará uma série de outras complicações. O fato de trabalhar o dia todo em jornadas que muitas vezes chegam ou em alguns casos, passa de oito horas diárias, não é uma tarefa das mais fáceis.

Como foi dito no final da seção anterior, por mais que o aluno escolha um curso noturno, não são raras às vezes em que ele necessitará estar na faculdade em outros horários. Quando isso se faz necessário é importante que empregados e empregadores tentem achar um caminho para que ambos saiam satisfeitos, apesar de que os alunos que comprovam que estudam, não só em cursos superiores, mas em qualquer nível de educação escolar, tem direito a um regime de trabalho diferenciado de acordo com o Artigo 80º que diz:

- 1- O trabalhador-estudante deve beneficiar de horários de trabalho específicos, com flexibilidade ajustável a frequência das aulas e a inerente deslocação para os respectivos estabelecimentos de ensino.
- 2- quando não seja possível a aplicação do regime previsto no número anterior o trabalhador-estudante beneficia de dispensa de trabalho para frequência de aulas, nos termos previstos em

legislação especial. (Artigo 80º - Horário de trabalho. Estatuto do Trabalhador-Estudante).

Mesmo sendo um direito previsto e assegurado em lei, quando é para se colocar em prática, muitos desconhecem esse cumprimento, tanto por parte dos estudantes quanto por parte dos patrões. Nem sempre o entendimento entre ambos se dá de forma que atenda aos dois lados. Muitos empregadores não acham conveniente e nem viável dispensar o funcionário (a), sobretudo sobre o aspecto financeiro.

A entrada na universidade é carregada de expectativas: a mobilidade da condição social atual, a busca por melhores empregos, melhores salários, enfim, melhores condições de vida é algo esperado e almejado por alunos universitários. Mas o fato de se entrar em uma universidade, não é fácil desde os primeiros passos, através de vestibulares e outros exames, que visam a escolha daqueles que estão mais preparados, preparação essa que por vezes, não se dá de forma efetiva, com qualidade e realmente visando o possível ingresso dos alunos no mundo universitário, não significa sucesso total. O caminho é longo e passa por muitas etapas.

Um curso de graduação vai exigir do aluno dedicação, que vai ser medida na hora de uma avaliação, no comparecimento a algum evento ou trabalho extraclasse, além, é claro, das dedicações impostas no dia-a-dia do aluno. O mundo acadêmico exige conhecimentos que serão obtidos não só através das aulas com os professores, mas, também, de todo o material didático que os mesmos repassam aos alunos. Textos complexos que exigem uma atenção exclusiva do aluno no momento da leitura, sejam para discussão em sala de aula, para uma avaliação ou apresentação.

Essa realidade é bem comum nas grandes cidades, mas se faz presente nas cidades do interior também. Alguns municípios não oferecem cursos universitários em suas sedes e o estudante que deseja frequentar um curso de graduação precisa se deslocar para municípios vizinhos, tornando essa jornada diária mais cansativa e passíveis de enfrentamentos a muitos perigos. Esse é o caso dos estudantes universitários do município de Ipameri, que em grande parte se deslocam para as cidades de Caldas Novas, Pires do Rio e, sobretudo, Catalão, para poderem estudar.

Ipameri é um município do estado de Goiás, localizado dentro da Microrregião de Catalão, no Sudeste de Goiás. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2014 a população do município é de aproximadamente 26.178 habitantes. O nome da cidade é oriundo da língua tupi, que quer dizer “entre rios”, uma vez que o município é cortado por dois importantes cursos de água: Corumbá e São Marcos. As principais atividades econômicas desenvolvidas no município são agricultura e pecuária, sendo que, o município experimenta um processo de crescimento industrial, sobretudo agroindustrial. É um dos maiores produtores de cereais do sudeste goiano, destacando o cultivo de lavouras de milho, soja, arroz e etc.

Na educação conta com escolas de renome dentro do próprio município e também com instituições de ensino superior bastante conhecidas. O município conta com um número significativo de creches, para atender a demanda existente, mais de 30 escolas que atendem desde o ensino fundamental até o ensino médio, tanto particulares quanto da rede pública de ensino. Conta com dois campus universitários, um campus da Universidade Estadual de Goiás, que oferece dois cursos: Engenharia Florestal e Agronomia, sendo os dois em período integral e o Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Ipameri, criado em 2014 pela Portaria nº 505 de 10/06/2014, que oferecia o curso de TGC (Tecnologia em Gestão Comercial).

Para a implantação do Campus Avançado Ipameri, o Instituto Federal Goiano recebeu as instalações do Campus IV, ora desativado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). A proposta da instituição é voltada para a educação profissional, onde são ofertados desde 2014 os Cursos Técnicos em: Administração e em Informática (modalidade concomitante/subsequente), cursos de Formação Inicial e Continuada, via PRONATEC e Educação a Distância em nível técnico, também possui em sua grade o Curso Técnico de Comércio Integrado ao Ensino Médio e Curso Técnico em Rede de Computadores, além de contar com turmas de Licenciatura em Pedagogia (modalidade segunda licenciatura) e também de Pós-graduação em Docência do Ensino superior.

Por contar apenas com um campus que oferece cursos de graduação, sendo que os mesmos ainda são em período integral, boa parte dos alunos da cidade não conseguem ter acesso aos cursos disponíveis no município. Diante dessa situação, os alunos tendem a sair cidade para as regiões vizinhas para poderem cursar uma

graduação. As cidades de Caldas Novas, Pires do Rio, Urutaí e Catalão possuem um grande número de cursos distribuídos da seguinte forma:

Caldas Novas	Pires do Rio	Urutaí	Catalão
UNICALDAS com 5 cursos de graduação;	FASUG com 3 cursos de graduação;	IFG Campus Urutaí com 10 cursos de graduação além de cursos técnicos.	CESUC/UNA com 8 cursos de graduação;
UEG com 3 cursos de graduação além de cursos de Pós-Graduação.	UEG com 6 cursos de graduação além de cursos de Especializações.		UFCAT com 21 cursos de graduação além Especializações e Mestrados.

Grande parte dos estudantes de Ipameri se deslocam para alguns desses municípios todos os dias para estudarem. Alguns dos motivos mais comumente citados entre os alunos estão a qualidade dos cursos, a distância entre o município de Ipameri e os demais municípios, sendo o fator distância, sempre levado em consideração e, claro, os horários dos cursos oferecidos, quase que na sua totalidade no período noturno. O foco principal do capítulo irá se pautar nos estudantes de Ipameri que se deslocam para Catalão, com destino a UFG.

Grande parte dos alunos que frequentam essas universidades enfrentam um longo dia de trabalho e quando chega a hora de descansar, se preparam para mais uma etapa do seu dia: hora de se dedicar a universidade. Essa dupla jornada não é fácil e pode acarretar uma série de situações que vão desde o desgaste causado pelo cansaço excessivo, os gastos financeiros para realizarem esse deslocamento todos os dias, além dos perigos que uma viagem diária pode causar. Passemos, então, para algumas discussões sobre esses fatores.

Os estudantes trabalhadores, como mencionados anteriormente, nem sempre estão respaldados pela lei quanto aos horários de trabalho mais flexíveis, pelo advento do curso de graduação. Sendo, assim, cumprem jornadas de trabalho normais, de oito horas diárias ou até um pouco mais, dependendo da atividade que exerce. Muitas vezes, esses estudantes saem de suas casas no período da manhã, voltam no período de almoço, quando não almoçam no próprio local de trabalho; e

os que têm possibilidade vão até em casa também para se preparar para ir à universidade.

Através de algumas conversas informais, com muitos que frequentam a universidade à noite, constatei que um grande número não tem sequer essa possibilidade. Isso porque alguns estabelecimentos onde trabalham tem horário de funcionamento estendido para um pouco mais além das dezessete horas. Isso faz com que esses alunos se desloquem diretamente do seu local de trabalho para a universidade.

A maior parte dos transportadores fazem a “rota” para Catalão, levam os alunos que vão para a UFG e para o CESUC. Os horários de funcionamentos das duas instituições são diferenciados. No CESUC as aulas começam um pouco mais cedo e, conseqüentemente, também terminam mais cedo. Por este motivo, os alunos da UFG acabam sendo “obrigados” a irem para a faculdade mais cedo, para que os alunos possam chegar a tempo sem atraso no CESUC. A rota do transporte começa a ser feita nos primeiros pontos às dezessete e quinze. Nesse horário a maioria ainda está em horário de trabalho. Sendo assim, os mesmos se deslocam diretamente do seu local de trabalho para onde esperam o transporte escolar.

Além dessas dificuldades, existem as possibilidades de imprevistos das estradas, como assaltos, más condições das estradas, entre outros. Vencidas as barreiras desse momento, os estudantes chegam à faculdade depois de um dia inteiro de trabalho, de uma viagem que demora em média uma hora, em condições favoráveis, geralmente bastantes cansados por toda a rotina vivida até àquela hora. Em sala de aula, mesmo cansados esses alunos, não se deixam abater e querem ser vistos como um aluno que se esforça, mas não um aluno que precise de um olhar paternal por conta de seu dia-a-dia. Castanho desenvolveu uma pesquisa com alunos de cursos noturnos e traz uma passagem que define bem o pensamento dos alunos trabalhadores que estudam à noite:

Uma das constatações desde o início do trabalho que mais chamaram a atenção foi a de que os sujeitos pesquisados não se percebem como vítimas, mas sim como pessoas lesadas em seu direito de aprender por terem recebido um ensino questionável. Locomovem-se com muita dignidade na sua condição de trabalhadores-estudantes e não aceitam atitudes de complacência. Lutam e querem se impor.

Na verdade, embora se procure dar importância ao tema do ensino noturno, é facilmente perceptível que se trata de assunto marginal,

pouco explorado, reservando-se aos alunos que o frequentam uma palavra de compreensão paternalista, porque “eles trabalham o dia todo”. Na percepção do aluno, a diferença entre diurno e noturno é muitas vezes exatamente o oposto do que veicula o senso-comum. (CASTANHO, 1989, p. 129.)

Os estudantes não querem serem vistos como alunos menos capazes do que aqueles que tem possibilidade de se dedicar com mais afinco as exigências impostas pela universidade. Querem ser tratados como iguais, em depoimento um aluno da pesquisa de Castanho corroborou o que os estudantes de Ipameri expressam cotidianamente: “O noturno tem consciência maior sobre a realidade profissional e universitária” (CASTANHO, 1989, p. 64).

A vida acadêmica exige muita dedicação, por isso o tempo é algo muito precioso. A maior parte dos cursos da UFG são cursos com duração de quatro anos. As grades curriculares são extensas, com muitas disciplinas a serem concluídas para a finalização do curso. Diante dessa situação mais uma vez, os alunos que trabalham podem, em alguns casos, se sentirem prejudicados. Não pelo fato de terem que cursar as disciplinas, mas porque, como mencionado anteriormente, muitas delas são em contraturno do curso escolhido e os problemas do deslocamento para a conclusão das mesmas é constante.

Não são raros os casos de estudantes que postergam seu período de formação, ou seja, estendem seu período de faculdade para além dos quatro anos regulares propostos pelo curso. As exigências para a conclusão de algumas disciplinas são muitas e variadas. Vão desde leituras para trabalhos, seminários, avaliações, até aquelas que exijam dos estudantes um conhecimento mais apurado, ou seja, um conhecimento da realidade, do campo. Sendo assim, faz-se necessário que algumas vezes os alunos tenham que ir de uma cidade para outra para poderem estudar algum fato em especial, para adquirir não só conhecimento teórico, mas também, conhecimento na prática, o que acarretará na qualidade da formação recebida.

Se para muitos, o próprio deslocamento para assistir as aulas na universidade é motivo de algumas preocupações para poderem participar de algum trabalho dessa natureza, em não raros casos, é quase impossível. Com isso, muitos deixam as disciplinas que necessitam desse tipo de trabalho para mais adiante no curso, visando que até lá algumas mudanças na sua rotina ou na própria disciplina possa

beneficiá-lo. Nem sempre essas mudanças acontecem e o aluno se vê diante de um dilema, pois algumas disciplinas não permitem que os alunos as concluam sem participar desses trabalhos; ao mesmo tempo, outras são possíveis, desde que se entre em acordo com os professores que as ministrem para que as mesmas sejam concluídas.

A vida acadêmica vai exigir do aluno muita responsabilidade, muita dedicação e, porque não dizer, muito entusiasmo. Entusiasmo porque se para um aluno que tenha tempo disponível para tudo o que é exigido se torna complicado em alguns casos, para os que têm outras responsabilidades, como o serviço, deve se haver um querer fazer, pois o sonho de conclusão do curso tem que ser um fator alimentado por ele todos os dias, para que não desanime e não se deixe abater pelas condições que muitas vezes são adversas a seus estudos.

3- Expectativas e projeções quanto ao futuro diante do término do curso superior

Na sociedade em que vivemos a busca por melhores condições de vida é uma constante. Na vida dos universitários isso não é diferente. A graduação em um curso superior pode significar o ingresso em uma carreira de sucesso, em uma realização a muito buscada e conseguida com muito esforço. Depois de conseguir o tão sonhado diploma, é hora de se aventurar no mundo do trabalho, para os que ainda não fazem parte dele, e para aqueles que já o pertencem como é caso estudado, é um momento de tentar melhorar, aprimorar-se no que faz alçar, novos voos.

A universidade é o caminho trilhado por todos aqueles que querem se firmar no mercado de trabalho, seja se aventurando em uma nova área, seja reafirmando a escolha a qual já se está inserido. Quando as dificuldades enfrentadas pelos estudantes trabalhadores são superadas, quando mesmo apesar das adversidades conseguem concluir um curso, percebem que esse curso ainda é uma área com a qual esse estudante realmente se identifica certamente, o resultado será muito positivo.

Para muitos, a realização profissional dependerá da escolha feita na universidade. Se for uma escolha consciente, certamente trará ótimos resultados. Quando se fala em consciente não diz respeito aqueles que, por exemplo, estão

realizando o curso com o qual sempre sonharão, pois muitos não têm essa possibilidade, mas sim de saber escolher também, de analisar o mercado que está a sua volta, fazendo uma escolha inteligente. Sobre essa identificação com a área escolhida Bardagi, Lassance, Paradiso e Menezes (2006) escrevem em seu artigo o seguinte:

[...] a percepção da identificação pessoal com o curso foi descrita como a principal fonte de satisfação: além disso, os alunos satisfeitos tendiam a apresentar uma avaliação mais otimista das possibilidades do mercado de trabalho, relativizar as eventuais dificuldades para a obtenção de resultados e apresentar um maior bem estar psicológico (BARDAGI et al. LASSANCE; PARADIS; MENEZES, 2006, p. 02).

A satisfação com o curso escolhido vai refletir inclusive na autoestima do estudante. Uma escolha acertada faz com ele se torne um excelente profissional, que trabalhe buscando sempre se aprimorar cada vez mais na área escolhida, almejando vencer os desafios apresentados a ele a cada dia; enfim, se superando para de fato conquistar um futuro que sempre planejou.

A inserção ou a efetivação no mercado de trabalho apresenta alguns desafios que tendem a serem maiores a cada dia para os estudantes recém-formados. Mesmos aqueles que possuem uma ocupação, querem melhorar suas condições de trabalho e a saída da universidade seria o momento ideal para essa consolidação. Mas o fato é que a cada dia o mercado de trabalho vem exigindo mais qualificação profissional, que esses trabalhadores tenham mais habilidades.

No mundo globalizado de hoje, a velocidade de informação é muita rápida, as competências exigidas são modificadas a todo instante e cabe a cada profissional a busca por condições que possam lhe proporcionar tanto sucesso quanto fracasso. Teixeira e Gomes (2004) afirmam:

Contudo a responsabilidade por desenvolver as competências que possibilitarão atender a essa demanda do mercado de trabalho tem ficado a cargo do indivíduo, que é visto como responsável tanto pelo seu sucesso quanto pelo seu fracasso. Enfim, a conquista de um espaço no mercado não depende apenas de um diploma, mas também de características pessoais, competências específicas, redes de relações e capacidades de ajustar-se a diferentes demandas de trabalho (TEIXEIRA; GOMES, 2004).

Para aqueles alunos que não tem ainda contato com o mundo do trabalho, a universidade pode funcionar como uma prévia do que ele encontrará no mercado de trabalho. Diferentes formas de pensar do grupo em que se estuda, que vez ou outra precisão entrar em acordo para o bem do grupo, a própria dedicação aos estudos, sabendo que disso dependerá o seu sucesso, acarreta em uma preocupação em se dar conta de fazer tudo o que for necessário para conquistar o planejado. Todos esses fatores despertam no aluno qualidades que podem ser aproveitadas no mercado de trabalho, lembrando sempre que é preciso estar antenado a tudo o que acontece a sua volta, a busca pelo aperfeiçoamento se dá desde o momento em que se pega o diploma. Daí em diante essa passa ser uma constante na vida do estudante e também do trabalhador.

Assim que termina sua graduação, o aluno se vê diante de uma nova situação, a afirmação da escolha feita durante a graduação, agora será de fato o que norteará seus esforços na busca pela concretização dos planos feitos, pela independência que tanto foi procurada.

O mundo do trabalho rege a vida das pessoas. A busca por bons empregos faz com que uma grande quantidade de trabalhadores busque a cada dia melhores condições e postos de trabalho, uma vez que o mesmo é o responsável pela sobrevivência de cada um. As relações de trabalho são caracterizadas pela venda da força de trabalho. Essa relação é o que irá propiciar uma satisfação econômica em maior ou menor grau. Sendo assim, quanto mais habilidades um indivíduo possui, maior será a sua remuneração na atividade exercida.

Com a velocidade em que tudo se transforma e que novas tecnologias são descobertas todos os dias, o estudante trabalhador tem que se preparar dia-a-dia para os novos desafios que surgem. Apesar de muitos estarem inseridos em ambientes de trabalho, muitos não estão. A realidade de toda essa inovação tecnológica que se torna presente em nosso cotidiano é que muitos se preparam de maneira adequada e estão prontos para enfrentá-las e fazerem uso das mesmas para desempenhar melhor suas atividades e outros não. Isso leva a número grande de universitários que acabaram de se formar, mas estão colaborando para o aumento dos números do desemprego, não só no nosso país, mas no mundo.

É cada vez maior o número de alunos que querem estender sua formação para além da graduação, justamente porque somente um diploma de graduação não representa segurança de bons empregos. Isso é causado pelas constantes

transformações no mundo do trabalho. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas para a concretização do curso de nível superior, particularmente para aqueles que exercem dupla jornada - trabalham e estudam - é cada vez maior a quantidade de alunos que se dedicam a uma segunda formação.

Quando terminam suas graduações, muitos desses alunos se veem diante de um dilema, permanecer na cidade a qual sempre viveram e tentar se adaptar as oportunidades existentes ou procurar novos locais, onde possam se dedicar ao ramo de atividades a qual se prepararam.

Considerações finais

O ingresso em uma universidade é ambição para muitos estudantes que se preparam, desde o início de sua vida escolar para esse momento. O ensejo de cursar uma graduação é para muitos uma possibilidade de melhora de vida, tanto em aspectos sociais quanto financeiro.

Como discutido, desde os primeiros anos os alunos vêm sendo preparados para o momento de entrada na universidade, mas de fato é no ensino médio que as escolas realizam grandes esforços visando um maior número possível de alunos aprovados no exame de seleção. Essa preparação se dá através de estudos intensivos, que para muitos é a única forma de se preparar para o momento ao mesmo tempo tão esperado e tão temido, os processos seletivos.

Muitos alunos se preparam para a prova apenas com as disciplinas oferecidas no currículo escolar. Boa parte não possui condições de frequentar cursinhos pré-vestibulares, sendo a escola a principal detentora dos conhecimentos que serão adquiridos por ele para a realização da prova. Para alguns desses alunos, frequentar as aulas do ensino médio se tornam mais complicados. Boa parte deles exercem algum tipo de atividade laboral em períodos contrários aos de estudo, ou seja, geralmente eles se dedicam ao trabalho durante o dia e estudam à noite.

Por ainda não possuírem tantas qualificações, dado que estão ainda em idade de ensino regular, muitos alunos acabam exercendo atividades de pouca remuneração, sem vínculos empregatícios exigidos pela lei, em busca de uma remuneração, ainda que pequena, para ajudar no orçamento familiar ou para as suas próprias despesas. Por este motivo, os alunos exercem uma dupla jornada: durante o dia trabalham e durante a noite estudam. Essa realidade será uma

constante não só na vida escolar, como tende a se estender durante a vida acadêmica, também sendo nessa fase um pouco mais complicada que na anterior.

A vida acadêmica exige do aluno muita dedicação e para quem estuda e trabalha é mais complicado, pois o tempo para se dedicar as atividades pedidas no curso nem sempre é o suficiente. Se dividir entre trabalho e estudo é uma tarefa bastante difícil. Mesmo porque a vida acadêmica vai exigir do aluno, muitas leituras além, claro, de vários momentos em que terá que se deslocar para a universidade fora do seu horário habitual.

Nesse momento reside outro fator que pode gerar certo desconforto para o estudante trabalhador, o deslocamento em horário de trabalho. O estudante que estuda e trabalha tem seus direitos assegurados por lei, desde que, comprovados mediante documentação, de ter horários flexíveis para que as aulas ou atividades acadêmicas não fiquem prejudicadas. Mas a falta de conhecimento das leis por parte dos empregadores e, também, dos próprios alunos, dificulta no cumprimento de tais benefícios.

Além dos gastos, do tempo de estrada, há ainda os riscos que os alunos enfrentam diariamente, pois uma viagem a bordo de veículos que são exaustivamente utilizados em horários diferentes por diferentes alunos, vez ou outra acabam gerando alguns transtornos como pneus furados, alguma peça quebrada, que quase sempre acontecem em meio a viagem, sendo os alunos obrigados a esperar por auxílio da empresa.

A superação de todas as dificuldades mencionadas, a obtenção do diploma de nível superior é uma grande vitória, pois coroa todo o esforço que o aluno teve durante o seu período acadêmico.

Referências

BRASIL. Estatuto do trabalhador-estudante. In: _____. Código do Trabalho. Lei n.º 99/2003, de 27 de agosto. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília**, D.F., 28 ago. 2003. Disponível em: <<https://dre.pt/pesquisa/-/search/632906/details/normal?q=Lei+n.%C2%BA%2099%2F2003%2C%20de+27+d e+agosto>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BRASIL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, D.F., 12 ago. 1971. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BARDAGI, Marúcia; LASSANCE Maria Célia Pacheco; PARADISO Ângela Carina; MENEZES Ioneide Almeida de. Escolha Profissional e Inserção no Mercado de Trabalho: Percepções de Estudantes Formandos. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online], São Paulo, v.10, n.1, p.69-82. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572006000100007&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CARDOSO, Ruth C. L.; SAMPAIO Helena. **Estudantes universitários e o trabalho**. 1994. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm> Acessado em: 20 jan. 2019.

CASTANHO, Maria Eugênia. **Universidade a Noite**: fim ou começo de jornada. Campinas: Papirus, 1989. 129p.

COSTA, Deane Monteiro Vieira; et.al. O Ensino médio noturno e o mundo do trabalho: rasura e permanência (1971-1996). **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 305-315, jan./jul. 2010.

FERREIRA, Victor Francisco. **Alunos da USP vindos da rede pública enfrentam dificuldades**. 2011. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=77014>>. Acessado em: 20 jan. 2019.

FILHO, Armando Terribli; QUAGLIO, Paschoal. **O cenário urbano para o estudante do ensino superior noturno na cidade de São Paulo**: triste realidade ou palco de heróis?. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=77014>>. Acessado em: 20 jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FORACCHI, Marialice M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1977. p. 51.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios**, Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LINS, Edson Cardoso. **Ensino Médio no Brasil**: aspectos históricos, legais e questões do período noturno - (1971-2006). 2007. 58 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=77014>>. Acessado em: 20 jan. 2019.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; GOMES, William Barbosa. Estou me formando... e agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista**

Brasileira de Orientação Profissional, São Paulo, v.05, n. 0, p. 47-62, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=77014>>. Acessado em: 20 jan. 2019.

VARGAS, Hustana Maria; COSTA, Maria de Fátima de Paula. A inclusão do Estudante Trabalhador e do Trabalhador Estudante na Educação superior: Desafio Público a ser Enfrentado. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 459-485, jul. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-40772013000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessado em: 20 jan. 2019.

Sistema desenvolvido pelo ICMC/USP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas - Instituto Federal Goiano

Melo, Hebe Pereira
MM528e O estudante trabalhador residente no entorno de
Catalão (GO): comentários sobre as trajetórias riscos
e desafios dos estudantes de Ipameri. / Hebe Pereira
Melo; orientadora Hilma Aparecida Brandão. --
Ipameri, 2019.
25 p.

Monografia (Graduação em Pós-Graduação Lato Sensu) --
Instituto Federal Goiano, Campus Ipameri, 2019.

1. Alunos . 2. Trabalho. 3. Dificuldades. 4.
Estudo . 5. Cansaço. I. Brandão, Hilma Aparecida,
orient. II. Título.